

IX ENEPEX/ XIII EPEX-UEMS E XVII ENEPE-UFGD

A ETNOMATEMÁTICA PRESENTE NO KOKUE DA RETOMADA DE LARANJEIRA NHANDERÚ NO MUNICÍPIO DE RIO BRILHANTE NO MATO GROSSO DO SUL

Elizabeni Barbosa Almeida Pedro (21elizapedro@gmail.com)

Rhuan Guilherme Tardo Ribeiro (rhuanribeiro@ufgd.edu.br)

Maysa Ferreira da Silva (maysasilva@ufgd.edu.br)

Maria Aparecida Mendes de Oliveira (mariaoliveira@ufgd.edu.br)

Esta pesquisa tem como locus a forma de ocupação territorial da comunidade indígena de Laranjeira Nhanderú município de Rio Brilhante no estado do Mato Grosso do Sul, área em processo de regularização. Esta comunidade se organiza a partir de um processo de retomada há pelo menos 15 anos, em diferentes formas de assentamento territorial, ora na beira da estrada nas proximidades da área reivindicada, em outros tempos dentro do território. E tem como objetivo principal estudar as práticas de produção da roça tradicional indígena (kokue) de Laranjeira Nhanderú. A pesquisa apresenta a experiência de 11 anos de moradia ao redor de uma pequena região de Mata, em que não havia espaço para plantar e produzir as roças. Vivíamos de cestas básicas entregues pelas agências governamentais, por causa desta dificuldade de produzir alimento. A mata estava localizada na divisa da fazenda Santo Antônio Boa Esperança. Em 2018 nós da comunidade resolvemos ocupar a sede da Fazenda, que está localizada no tekoha reivindicado. Hoje faz cinco anos que estamos ocupando esse espaço maior e fazendo muitas roças, já colhemos bastante frutos do que foi plantado. Nossas famílias indígenas moram muito tempo no mato resultando na perca do dia de plantio de mandioca, feijão, abóbora, batata entre outros. As crianças que nasciam e cresciam nesta região da mata, não aprenderam como plantar mandioca, abóbora e também não sabia como comer alguns desses alimentos, isso se torna uma novidade para

IX ENEPEX/ XIII EPEX-UEMS E XVII ENEPE-UFGD

comunidade e resolvemos buscar um lugar para plantar. Hoje está diferente pois, temos as nossas roças e buscamos conhecer com nossos rezadores os modos tradicionais de plantio, assim, aprendemos os melhores períodos para realizar as plantações, assim como, para saber o dia de preparar a terra e o dia de plantar, e qual semente pode plantar nos mesmos lugares e as sementes que não podem ser tocadas pelas crianças. Criamos as nossas roças com enxada sem depender do trator, e ensinamos as crianças a plantar e comer, no começo ficamos curiosos, como as plantações que amadurecem em diferentes tempos. Este processo de retomada das práticas de produção tradicional, gerou nas crianças muitos questionamentos. Por exemplo, como a mandioca, as crianças questionavam sobre como elas amadurecem sendo que estão enterradas na terra. Hoje as crianças já sabem como se planta e quando se pode comer, e continuamos plantando para consumir, vender e manter a subsistência de nossas famílias. No processo de produção dos alimentos, além de surgirem questões relacionadas à retomada de hábitos alimentares tradicionais, é possível verificar a retomada de práticas de medidas tradicionais, ou seja, uma etnomatemática da roça. Podemos utilizar passos, palmos e pé ou em uma ideia intercultural, o centímetro e os metros que usamos para distribuir o território e as sementes. Por exemplo, cada semente é plantada a aproximadamente 1 metro ao lado de outras sementes, ou um passo. Logo, nossa comunidade continua plantando, colhendo e vendendo as plantações, promovendo uma educação indígena tradicional aos nossos filhos.